

# 02/07/1944: aguardado no norte da África, o 1º escalão da FEB embarca para a Itália

*Giovanni Latfalla\**

## Introdução

**E**ste estudo tem como objetivo mostrar as novas e desconhecidas informações a respeito do envio do 1º escalão da Força Expedicionária Brasileira (FEB), para o teatro de operações da Itália, ocorrido em 2 de julho de 1944. Estudiosos, pesquisadores e simpatizantes da FEB não deram a devida atenção ao que de fato ocorreu naquela oportunidade, quando o previsto, baseado em um livro de um observador militar brasileiro, era o envio de nossa tropa para o norte da África, onde ela continuaria o seu treinamento e receberia o material bélico a ser fornecido pelos norte-americanos, antes de ser enviada para o *front* de batalha.

Baseado em novas pesquisas, verifica-se também que o 1º escalão da tropa brasileira foi enviado em um momento e para um local inadequados, a Itália, o que gerou inúmeros transtornos e situações desagradáveis, que poderiam ter sido evitadas, e que causaram um mal-estar entre militares brasileiros e norte-americanos. O momento inadequado ocorreu por causa da chegada da tropa brasileira durante os preparativos para uma das maiores operações do *front* ocidental na Segunda Guerra Mundial, a Operação Dragão, que envolvia milhares de soldados e viaturas, além de

toneladas de material para a sua execução. A cidade de Nápoles não estava preparada para receber a unidade brasileira e as autoridades militares norte-americanas, responsáveis por receber a nossa tropa, estavam envolvidas com a citada operação.

Caso a FEB houvesse sido enviada para o norte da África, teria sido mais bem atendida para o posterior envio ao *front*. Baseado nos relatos feitos pelos observadores militares brasileiros que estavam no local, as instalações existentes eram propícias para receber a tropa brasileira. Os cursos ministrados naquele local, como, por exemplo, o de motomecanização, teriam sido importantes para que a FEB estivesse muito mais bem preparada para participar da Segunda Guerra Mundial. O que de fato aconteceu foi originário de um grave erro cometido pelo governo norte-americano.

## O envio dos observadores militares brasileiros para o *front*

As negociações militares entre Brasil e Estados Unidos ficaram mais intensas a partir do início de 1939, com as visitas ao Brasil do futuro Chefe do

\* TC QCO Mag/Hist R/1 (EsAEx/1996; EsAO 2010). Doutor em Ciência Política (UCAM/2016), Mestre em História (USS/2011). Ex-professor de História dos Colégios Militares do Recife, Rio de Janeiro e Juiz de Fora. Sócio Correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) e sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora (IHGJF).

Estado-Maior do Exército dos EUA, General George Marshall, e do Chefe do EME do Brasil, General Góes Monteiro, aos EUA, antes do início da Segunda Guerra Mundial. O processo de negociação foi lento e cheio de desconfianças de ambos os lados (Latfalla, 2023b). Somente após a declaração de guerra ao Eixo, em agosto de 1942, e por sugestão dos EUA<sup>1</sup>, passou-se a cogitar a possibilidade do envio de tropas brasileiras para o *front* (Latfalla, 2022).

A partir do momento em que foi decidido que o Brasil enviaria tropas para participar do conflito, em 1943, com a anuência dos EUA, os militares brasileiros começaram a questionar onde a futura FEB seria empregada. A questão a respeito do destino da FEB já havia sido tratada nas reuniões entre os dois países ocorridas no Rio de Janeiro, em maio de 1943, conforme pode ser confirmado pela documentação encontrada no Arquivo Histórico do Exército (AHEx).

Uma das medidas acertadas, a partir do início de 1943, foi o envio de observadores militares brasileiros para o norte da África e depois para a Itália, acompanhando o desenrolar dos combates junto às unidades norte-americanas e francesas.

As missões dos observadores militares brasileiros (Latfalla, 2023a) é um assunto ainda pouco conhecido e estudado, mas os relatórios enviados ao Rio de Janeiro fornecem dados importantes que deveriam ter sido levados em consideração durante a preparação da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Nesses documentos, pode ser destacada a questão do uniforme utilizado pelo Exército naquela época, inadequado para os *fronts* norte-africano e italiano, e que faria com que nossa tropa passasse por situações constrangedoras durante os seus primeiros dias na Itália.

Um outro alerta emitido em um dos relatórios encontrados no AHEx foi quanto às dificuldades que as unidades francesas (cerca de 300.000 soldados, um número bem maior do que todo o efetivo da FEB) estavam passando para serem equipadas com material norte-americano. A deficiência no recebimento do fuzil *Garand*, o mais moderno, foi observada. Entre equipar a tropa francesa e a brasileira, os observadores informaram que a prioridade norte-americana seriam os franceses.

Além dos relatórios enviados ao Brasil pelos observadores militares, outra fonte muito importante a respeito da atuação desses observadores é a obra escrita por um deles em 1953, o então tenente-coronel Antônio Henrique Almeida de Moraes. O livro *No Teatro do Mediterrâneo* traz informações riquíssimas e desconhecidas pela maior parte dos pesquisadores da história da FEB. O autor atuou por vários meses como observador militar junto a unidades norte-americanas e francesas no norte da África e na Itália, inclusive em batalhas como Ânzio e Monte Cassino. A obra aborda o período de uma de suas missões como observador militar iniciada em 19 de dezembro de 1943, em Argel no norte da África, e terminada em 16 de julho de 1944, em Nápoles, Itália, com a chegada do 1º escalão da FEB.

No decorrer de sua missão, os observadores militares brasileiros receberam ordens do Comando do Mediterrâneo para se apresentarem a um general dos EUA em Argel, norte da África, no dia 5 de abril de 1944. Em suas observações, o então Major Almeida de Moraes (1953) relatou que os instrutores norte-americanos estavam em condições de prestar apreciável assistência técnica às tropas brasileiras, mas, naquela oportunidade, ainda não tinham conhecimento da vinda da tropa brasileira. Os militares brasileiros visitaram o local destinado ao treinamento de unidades vindas dos EUA, além de uma área de estacionamento intermediário, local onde as tropas norte-americanas se dirigiam após o desembarque e recebiam seu equipamento.

Almeida de Moraes detalhou como era feita a assistência técnica dos norte-americanos junto às unidades francesas, que também se reuniam no norte da África. Era criada uma Comissão Mista de Rearmamento, que organizava vários centros de instrução, em que eram ministrados vários cursos de motomecanização, material bélico, engenharia, artilharia de campanha, artilharia antiaérea, guerra química, transmissões e saúde. Os observadores militares brasileiros terminaram suas atividades em Oran, no dia 2 maio de 1944, e retornaram para Argel, para aguardar novas ordens. No dia 3 de maio, o Major Luiz Gomes Pinheiro, membro da missão, retornou para o Brasil com informações tomadas e que seriam úteis para a preparação da FEB.

A partir daqui, de acordo com informações do Major Almeida de Moraes, relataremos alguns dos acontecimentos que demonstram que o 1º escalão da FEB era aguardado no norte da África.

O Coronel Higgins, dos EUA, oficial de ligação, relatou ao major o recebimento de um telegrama do Brasil informando a chegada próxima do General Zenóbio da Costa a Argel. Ele perguntou a Almeida de Moraes se ele tinha conhecimento disso e ele respondeu que não. Ao mesmo tempo, o major informou ao coronel que Zenóbio da Costa era o subcomandante da 1ª Divisão Expedicionária Brasileira (1ªDIE) e estaria vindo como tal. Higgins disse que ignorava qualquer comunicação nesse sentido enviada de Washington, e que iria recebê-lo como camarada do Exército Brasileiro, mas sem qualquer relação com sua função naquele teatro de operações. O major brasileiro enviou um expediente sobre esse fato ao General Dutra (Moraes, 1953). A viagem do General Zenóbio nunca se realizou, mas chegariam novas informações.

Em 11 de maio de 1944:

Fui chamado, hoje, ao Quartel-General Aliado, sendo recebido pelo General Foster (norte-americano), que me comunicou haver recebido de Washington um telegrama anunciando a próxima chegada da FEB, em dois escalões. O primeiro constituído de um Grupamento Tático (reforçado), em meados de julho, e, o segundo, com o restante da Divisão, no decorrer do mês de outubro, tudo de acordo com as disponibilidades de transporte. Recomendou-me que se tratava de um documento ultrassecreto ("Top Secret") e, assim, deveríamos manter o máximo sigilo. Em seguida, formulou perguntas sobre o grau de treinamento da tropa brasileira, declarando que outros oficiais daquela seção deveriam entrar em contato comigo, a fim de estabelecer um plano de instrução para a nossa Divisão. Perguntei como seria recebido o material para a Divisão brasileira e onde ela deveria estacionar, para completar a instrução. Respondeu que nenhuma indicação podia dar-me, uma vez que a respeito ainda estava aguardando instruções complementares de Washington.

Tal comunicação, embora sem pormenores que permitissem providências mais firmes, encheu-nos de satisfação, pois, a partir daquele momento, iríamos trabalhar mais objetivamente, aplicando as observações e ensinamentos colhidos na Itália, e, agora, nas próprias Unidades e Escolas existentes na África do Norte. Fui também procurado pelo Tenente-Coronel Clark (norte-americano),

da 3ª Seção do QG Aliado a fim de tratar de assuntos relativos à instrução da FEB. Ficou então assentado que a Divisão brasileira teria a sua instrução completada nos mesmos moldes das suas congêneres francesas e norte-americanas que haviam passado pela África do Norte (Moraes, 1953).

Em parte, as informações recebidas do Brasil, em 3 e 11 de maio, eram corretas. O General Zenóbio da Costa seria o militar mais antigo que embarcaria junto com o 1º Escalão da FEB. De última hora é que ocorreu o embarque do General Mascarenhas de Moraes (Moraes, 2014). Também estava correta a data de chegada do 1º escalão em meados de julho, além do seu efetivo formado por um grupamento tático reforçado, e não uma divisão inteira.

Faltando menos de dois meses para o embarque da FEB, que ocorreria em 2 de julho de 1944, tudo se encaminhava para um período de treinamento da tropa no norte da África. Observa-se a postura ativa dos militares dos EUA em tomarem as devidas providências para que a FEB tivesse as mesmas condições de treinamento que as unidades francesas e norte-americanas tiveram anteriormente. Aliás, naquele momento, a 91ª Divisão de Infantaria, recém-chegada dos EUA, iniciava o seu período de treinamento em Oran.

É pertinente informar uma anotação de Almeida de Moraes (1953), do dia 3 de maio de 1944:

Embarcou para o Brasil, hoje, a chamado do Ministro da Guerra, o nosso companheiro de missão, Major Luiz Gomes Pinheiro, que vai transmitir suas observações pessoais e as dos demais companheiros sobre o que temos visto, a fim de que possam elas ser úteis à preparação da FEB.

Em 22 de maio, o Major Moraes solicitou e conseguiu uma autorização para fazer um estágio na 91ª Divisão. Ele detalhou as diretrizes para a instrução da citada unidade: 1. Objetivos; 2. generalidades; 3. Pormenores do treinamento; 4. Escolas; 5. Programas e zonas de treinamento. Esse completamento de instrução da 91ª DI durou de meados de maio até o dia 3 de junho de 1944, culminando com um exercício de desembarque no dia 11 de junho (Moraes, 1953). Podemos observar aqui que, além do treinamento em

território dos Estados Unidos, a 91ª Divisão de Infantaria iniciou novas instruções no norte africano. Supõe-se que algo de semelhante seria feito com a FEB, se essa tropa se dirigisse para treinamento naquela região.

Faltando menos de um mês para o embarque do 1º escalão, Almeida de Moraes fez o seguinte relato no dia 22 de junho de 1944:

Desde a chegada do Cel Paca, estamos em ativa ligação com o Comando Aliado do Mediterrâneo, em particular, a Base Norte-Americana, a fim de preparar a chegada da FEB. Tivemos, hoje, uma reunião, com o Ten-Cel Shaw (norte-americano), na qual foi discutido o programa de treinamento da Divisão Brasileira. Esse oficial integra o E. Maior do Gen Kingman, Chefe da Comissão Mista de Rearmamento, que orientou a instrução das Divisões Francesas organizadas na África do Norte (Moraes, 1953).

O General Mascarenhas (2005) fora informado oficialmente, no final de maio, da possibilidade do envio do 1º escalão na segunda quinzena de junho. A leitura do que escreveu o general deixa transparecer uma certa improvisação no embarque da FEB para a guerra.

No dia 2 de julho de 1944, o primeiro escalão da FEB embarcou, não para o norte da África, mas para a Itália. Com a FEB já em viagem, no dia 5 de julho, os observadores militares foram avisados no norte da África de que deveriam se dirigir para Nápoles, local de desembarque da tropa brasileira.

Além dos norte-americanos, somente o General Mascarenhas de Moraes sabia o destino da FEB:

A operação de embarque foi revestida de grande sigilo, como defesa natural contra a preparação de qualquer ataque da aviação, ou de submarinos inimigos, durante o trajeto. A bordo, era eu a única pessoa a saber o nosso porto de destino: Nápoles. O General Kroner, antes do embarque, fez-me essa comunicação secreta, que nesse caráter guardei (Moraes, 2014).

O General Mascarenhas ficou sabendo do destino da FEB na hora do embarque. A decisão de ir direto para a Itália, provavelmente, veio do governo dos EUA (Silva, 1974). Não parece possível acreditar que autoridades do governo brasileiro soubessem do

destino da FEB, e não informassem o seu comando a respeito do local para onde estariam indo. Nesse sentido, a não ida para o período de treinamento em Oran foi uma determinação de autoridades dos EUA.

O ex-Chefe do Estado-Maior da FEB, o Coronel Lima Brayner (1968), disse que, durante a visita do General Mascarenhas de Moraes ao norte da África, em 1943, em uma missão de observação militar, havia ficado combinado que as unidades brasileiras teriam o mesmo roteiro das norte-americanas enviadas ao teatro de operações do Mediterrâneo, ou seja, o treinamento na Argélia. Em um de seus livros, o Marechal Leitão de Carvalho (1952) escreveu a respeito do provável envio da tropa brasileira para o norte da África.

## A FEB chegou à Itália em um momento inadequado

No dia 2 de julho de 1944, no mesmo dia em que os brasileiros embarcavam para a Itália, o Alto-Comando Aliado enviou uma mensagem ao General Wilson, Comandante do Teatro de Operações do Mediterrâneo, instruindo-o a ser preparado para executar o desembarque no sul da França, em 15 de agosto, conhecido como Operação Dragão<sup>2</sup>. O objetivo da operação consistia em estabelecer uma cabeça-de-ponte no Mediterrâneo, em Toulon e Marselha, e depois conseguir a exploração para Lyon e Vichy. A lista de força inicial consistia em três divisões de assalto, seguidas por uma rápida construção de até sete divisões adicionais. O Quartel-General Aliado encarregou os serviços de abastecimento de preparar e carregar todos as unidades de combate já posicionadas no Mediterrâneo<sup>3</sup>.

A Operação Dragão seria desencadeada apenas um mês após a chegada da FEB a Nápoles, e Winston Churchill, primeiro-ministro britânico, e contrário a essa operação (Roberts, 2012), reclamou que ela não teria os meios necessários para o seu sucesso. Com essa situação, a necessidade de equipar e treinar a tropa brasileira na Itália não seria uma tarefa das mais



fáceis, simplesmente porque as prioridades, naquele teatro de operações, eram atender as necessidades da Operação Dragão. E foi o que de fato veio a ocorrer.

A partir da ordem para os observadores se deslocarem para Nápoles para receberem a FEB, ocorrida no dia 5 de julho, eles tiveram apenas 11 dias para cumprir essa missão, pois a tropa brasileira chegaria no dia 16 de julho. Um tempo exíguo, em que era preciso correr e tentar sanar as muitas adversidades que se apresentaram. Encontrar um local, de última hora, para abrigar mais de 5.000 homens e equipamentos, em uma cidade devastada pela guerra, não seria uma tarefa fácil.

Almeida de Moraes observou que os norte-americanos estavam mais preocupados em atender as necessidades da Operação Dragão do que atender as da FEB. As prioridades das unidades de abastecimento na Itália eram para as unidades norte-americanas e francesas que participariam da invasão. No dia 8 de julho, teve início a preparação para a montagem do acampamento, e a oferta da cessão de barracas pelos norte-americanos não foi aceita, pois os militares brasileiros tinham informações vindas do Brasil de que

esse equipamento estava vindo com o 1º escalão: um terrível engano.

Os militares brasileiros também tiveram uma outra surpresa desagradável quanto à requisição de viaturas para a tropa brasileira: apesar da promessa norte-americana de prover a FEB, por motivos da necessidade de equipar o VII Exército dos EUA, encarregado da invasão do sul da França, apenas 24 viaturas foram disponibilizadas para FEB. Um número insignificante para equipar uma brigada. Almeida de Moraes (1953) não especificou quais seriam essas 24 viaturas para 5.075 homens. Se foram 24 caminhões, estes teriam que transportar 211 homens em cada um, e com o seu equipamento, algo impossível de ser realizado. É importante salientar que não vieram viaturas no navio que trouxe o 1º escalão.

No dia 16 de julho, o 1º escalão da FEB chegou à Itália a bordo do navio *General Mann*. A tropa brasileira foi recepcionada pelo General norte-americano Jacob Devers, comandante das Forças dos EUA no teatro de operações do Mediterrâneo, e que lideraria as unidades norte-americanas do VII Exército na Operação Dragão (figura 1).

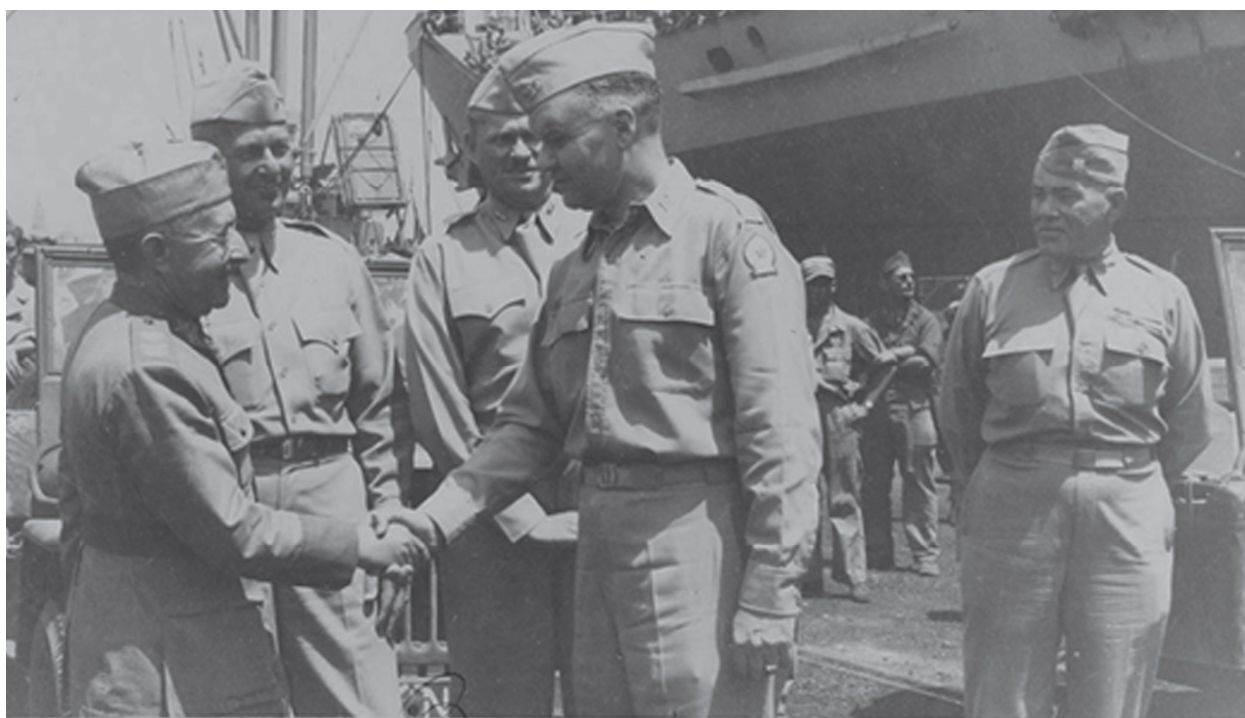


Figura 1 – O General Mascarenhas de Moraes é recebido pelos norte-americanos em Nápoles  
Fonte: Foto da DPHCEX, disponibilizada na página *V de Vitória* no Facebook

Por vários dos motivos apresentados anteriormente, os primeiros momentos da FEB na Itália não foram fáceis. Devido à ausência de viaturas, a tropa teve que efetuar uma longa marcha em direção ao improvisado acampamento levantado às pressas para recebê-la. Sem barracas disponíveis, o 1º escalão passou a noite ao relento. Como não existiam cozinhas preparadas, a tropa teve que consumir rações norte-americanas. A farda, além de inadequada, gerou um constrangimento com a população italiana, que achou que a tropa brasileira era de prisioneiros alemães.

Aliás, Brayner (1968) relatou outras situações constrangedoras devido à má qualidade do uniforme brasileiro, além do péssimo tratamento que o Comando da FEB recebeu ao fazer uma visita ao órgão provedor do Exército dos EUA na Itália para solicitar equipamento bélico para o 1º escalão. É preciso salientar, porém, que a prioridade para os norte-americanos era equipar as unidades que participariam em poucas semanas da invasão do sul da França.

Em suas obras escritas no pós-guerra, o General Mascarenhas (2014) e o Coronel Brayner (1968) reclamaram da maneira como foram recebidos pelos militares norte-americanos na Itália. Somente com o passar das semanas e com a vinculação da FEB ao V Exército do General Mark Clark, um dos maiores defensores do emprego de unidades brasileiras na guerra, a situação melhoraria. A partir daí, a FEB, mesmo vencendo muitos obstáculos, esteve em condições de cumprir as suas missões no *front* italiano e, ao final, foi convidada para participar junto com os norte-americanos da ocupação da Áustria (Brayner, 1973; Latfalla, 2022).

## Considerações finais

Tendo em vista o que ocorreu com a FEB na sua chegada à Itália, não resta nenhuma dúvida de que o seu 1º escalão deveria ter ido para o norte da África, como estava previsto, e onde existiam instalações adequadas e condições mais propícias para o treinamento sob a supervisão de militares dos EUA. Somente pós equipada e treinada adequadamente, é que a tropa brasileira deveria ter sido enviada para o *front* italiano. Os

observadores militares brasileiros e militares norte-americanos lotados naquele local foram surpreendidos com a mudança nas ordens. E o responsável por essa mudança foi o governo dos Estados Unidos.

Além do erro cometido ao se enviar a FEB para a Itália, e não para o norte da África, o momento em que ele ocorreu foi totalmente inadequado. O VII Exército e as unidades de abastecimento daquele local estavam engajados na preparação das unidades norte-americanas e francesas que participariam da invasão do sul da França, que teria início cerca de um mês após a chegada da FEB. Era uma operação que envolvia números consideráveis de efetivos e equipamentos, e a necessidade de se treinar e equipar a tropa brasileira, presente em um dos locais da preparação para a invasão, e que não participaria dela, não era uma prioridade.

Por fim, foi complicado como o 1º escalão chegou à Itália: uma brigada com treinamento deficiente, sem armas, sem barracas em um acampamento improvisado, com um número desprezível de viaturas e com fardas inadequadas. Com os meses que se passaram, a tropa brasileira conseguiu alterar drasticamente essa situação difícil: passou a ser respeitada pelo Comando norte-americano ao cumprir de maneira brilhante as suas missões no *front* italiano, sendo convidada para participar como tropa de ocupação na Áustria, algo que, infelizmente, o governo brasileiro não aceitou.

---

## Referências

BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

BRAYNER, Floriano de Lima. **Luzes sobre memórias**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1973.

CARVALHO, Estevão Leitão de. **A Serviço do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 2. ed., 1952.

LATFALLA, Giovanni. **Segunda Guerra Mundial**: Propostas para o emprego de tropas do Brasil. Juiz de Fora: Editar, 2022.

LATFALLA, Giovanni. **FEB, Missões e Observadores Militares**. Juiz de Fora: Editar, 2023a.

LATFALLA, Giovanni. **Relações Militares Brasil-EUA 1939/1943**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2023b.

MORAES, Antônio Henrique Almeida de. **No Teatro de Operações do Mediterrâneo**. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert e Bibliex, 1953.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **Memórias**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2014.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu Comandante**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.

ROBERTS, Andrew. **Mestres e Comandantes**. Como Roosevelt, Churchill, Marshall e Alan Brooke ganharam a guerra no Ocidente. Rio de Janeiro: Record, 2012.

ROMANUS, F. Cooties e ROSS, Willian F. **The Quartermaster Corps**: Operations in the war Against Germany. Washington: Superintendent of Documents, U.S., Government Printing Office, 1991.

SILVA, Hélio. **1944: O Brasil na Guerra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

---

## Notas

<sup>1</sup> National Archives. Record Group 165. Employment of Brazilian Troops. Do coronel Claude Adams, adido dos EUA no Brasil, para o Chefe da Inteligência Militar do Departamento de Guerra, em Washington. 06/10/1942.

<sup>2</sup> Report by the Supreme Allied Commander Mediterranean to the Combined Chiefs of Staff on the Operations in Southern France, 23-24.

<sup>3</sup> National Archives. Record Group 492, box 124. Memorandum, Allied Force Headquarters: subject: Operation Anvil. Dated 7 July 1944.